

**O OLHAR DOCENTE SOBRE A SELEÇÃO E A UTILIZAÇÃO DE LIVROS
DIDÁTICOS DE CIÊNCIAS**

THE TEACHER'S VIEW ON THE SELECTION AND USE OF SCIENCE TEXTBOOKS

LA PERSPECTIVA DEL PROFESOR SOBRE LA SELECCIÓN Y EL USO DE LOS
LIBROS DE TEXTO DE CIENCIAS

Mariana Ferreira Bittencourt¹ 0000-0001-5187-411X
Edinaldo Medeiros Carmo² 0000-0002-1594-8983

¹ Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Vitória da Conquista, Bahia, Brasil;
mariana.bittencourt27@gmail.com

² Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Vitória da Conquista, Bahia, Brasil;
medeirosed@uesb.edu.br

RESUMO:

Esse artigo tem como objetivo discutir a perspectiva docente sobre a seleção e a utilização de Livros Didáticos de Ciências nos contextos escolares, e a influência das políticas curriculares nesses materiais. A pesquisa se fundamenta em uma abordagem qualitativa e a produção dos dados ocorreu por meio de entrevistas narrativas com quatro professores de Ciências do Ensino Fundamental da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia. Os resultados demonstram que o Livro Didático é um recurso necessário e auxilia no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, os professores utilizam esse material aliado a outras estratégias de ensino, acrescentando discussões, propondo pesquisas e atividades complementares, com o intuito de reforçar sua autonomia e vencer possíveis limitações.

Palavras-chave: BNCC; livro didático; prática docente.

ABSTRACT:

This article aims to discuss the teaching perspective on the selection and use of Science textbooks in school contexts and the influence of curricular policies on these materials. The research is based on a qualitative approach and data production occurred through narrative interviews with four Elementary School Science teachers from the municipal network of Vitória da Conquista, Bahia. The results demonstrate that textbooks are a necessary resource and an aid in the teaching and learning process. However, teachers use this material in conjunction with other teaching strategies, including discussions, research, and complementary activities, with the aim of reinforcing their autonomy and overcoming potential limitations.

Keywords: BNCC; teaching practice; textbook.

RESUMEN:

Este artículo tiene como objetivo discutir la perspectiva docente sobre la selección y uso de libros de texto de ciencias en contextos escolares, y la influencia de las políticas curriculares sobre estos materiales. La investigación utiliza un enfoque cualitativo y los datos se recopilieron

mediante entrevistas narrativas con cuatro docentes de ciencias de primaria del sistema escolar municipal de Vitória da Conquista, Bahia. Los resultados demuestran que los libros de texto son un recurso necesario y facilitan el proceso de enseñanza y aprendizaje. Sin embargo, los docentes utilizan este material en conjunto con otras estrategias de enseñanza, incluyendo discusiones, investigaciones y actividades complementarias, con el objetivo de fortalecer su autonomía y superar posibles limitaciones.

Palabras clave: BNCC; libro de texto; práctica docente.

Introdução

Esse artigo tem como objetivo analisar a perspectiva docente em relação a seleção e a utilização de Livros Didáticos de Ciências nos contextos escolares, assim como, a influência das políticas curriculares nesses materiais. Cabe destacar que o Livro Didático representa nos contextos escolares um dos modos de materialização do currículo escrito, portanto, o processo de elaboração e seleção dos conteúdos é marcado por disputas, o que reflete as relações entre política, cultura e os valores que circulam na sociedade em determinado período.

O Livro Didático é um dos recursos mais utilizados nas escolas de educação básica, é um material impresso que auxilia no processo de aprendizagem, e pode guiar o desenvolvimento da personalidade dos educandos. Embora não seja o único recurso utilizado pelos docentes, o Livro Didático é um instrumento importante, podendo ser decisivo na qualidade do ensino e da aprendizagem. Nesse sentido, oferece contribuições para a escolha e organização dos conhecimentos escolares, visa atender às necessidades educacionais, é um elemento da cultura escolar e tem relação com a estrutura da sociedade (Martins; Garcia, 2013).

A história do Livro Didático no Brasil teve início em 1929 com a criação do Instituto Nacional do Livro (INL) e em 1938 o governo instituiu a Comissão Nacional do Livro Didático (CNLD). Desse modo, se iniciou a primeira política de legislação, controle de produção e circulação do Livro Didático no país (Martins; Sales; Souza, 2009). Buffon (2020, p. 42) destaca que com a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1997 implementa-se também o “[...] Programa Nacional do Livro didático (PNLD) para os anos finais do Ensino Fundamental com avaliações periódicas das coleções de Ciências, prezando pela qualidade das obras a serem distribuídas nas escolas públicas”. O Programa, ao longo dos anos, passou por muitas alterações, e, em 2011, começou a atender o Ensino Médio e a modalidade relacionada a Educação de Jovens e Adultos.

Em 1994 o Ministério da Educação (MEC) estabeleceu medidas para avaliar os Livros Didáticos a serem distribuídos às escolas públicas. “Os documentos resultantes dos estudos e

das avaliações realizadas pelas comissões de professores e pesquisadores passaram a ser denominados pelo próprio MEC como Guias de Livros Didáticos (GLDs)” (Gramowski *et al.*, 2017, p. 3). Esses guias têm a intenção de orientar os professores na escolha dos livros didáticos.

Com a avaliação dos livros, de certo modo, o MEC estabelece o que as escolas devem ensinar, influenciando também na forma como deve ser ensinado. Assim, os Livros Didáticos aprovados seguem uma certa padronização de atividades e organização dos conteúdos. Desse modo, os professores encontram poucas opções de escolha, pois os livros apresentam muitas semelhanças (Martins; Sales; Souza, 2009). Então, torna-se uma ilusão achar que o professor exerce plena autonomia ao escolher os livros. Nessa perspectiva, podemos perceber que o Livro Didático pode ser considerado um instrumento utilizado para controlar as práticas docentes, pois, as estruturas de poder, na produção das políticas curriculares e, conseqüentemente, na produção dos materiais didáticos-pedagógicos, determinam, em grande parte das vezes, o que será ensinado nas escolas.

Sendo assim, o livro apresenta papel central no desenvolvimento das políticas curriculares, pois, controla e define a ordem dos conteúdos e determina os conhecimentos que devem ser ensinados. Nesse sentido, ao considerar a dependência que determinada parcela dos professores tem em relação ao livro, ele se torna um instrumento de reprodução e transmissão dos valores hegemônicos. Portanto, o controle exercido sobre o material didático tem conseqüências diretas sobre o que é levado para as aulas e sobre as formas de fazer educação (Sacristán, 2013).

Conforme Silva (2012, p. 805), o Livro Didático foi sofrendo adaptações mediante “[...] às mudanças de paradigmas, alterações dos programas oficiais de ensino, renovações de currículos e inovações tecnológicas”. Por isso, ele se faz presente na rotina das escolas ao longo das gerações e, apesar das críticas sobre sua qualidade dentro e fora do circuito acadêmico, o Livro Didático continua sendo um dos recursos mais utilizados nas salas de aula da educação básica.

Com o estabelecimento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo que visa direcionar a elaboração de currículos escolares em toda rede de ensino do Brasil, ocorreram mudanças expressivas na forma como os conteúdos são desenvolvidos e na maneira como eles são distribuídos nos Livros didáticos. Entre as mudanças promovidas pela BNCC, na área de Ciências da Natureza a que mais podemos notar é o reordenamento dos conteúdos. Essa nova organização distribuiu os objetos de conhecimento (conteúdos) em unidades temáticas com a justificativa de que estes devem ser abordados de forma contínua nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental.

Fundamentada na pedagogia das competências, a Base estabelece aprendizagens “essenciais” que os estudantes devem desenvolver durante toda a Educação Básica, assim, os novos livros devem propiciar o desenvolvimento das competências e habilidades propostas. Em vista disso, Buffon (2020, p.42) considera que “[...] a avaliação do PNLD 2020 pode ser considerada o marco inicial da implantação da Base Nacional Curricular Comum (BNCC) dos livros didáticos de Ciências”. De acordo com o Guia Digital do PNLD 2020, os Livros Didáticos selecionados contemplam a perspectiva de letramento científico presente na BNCC e contribuem para o desenvolvimento das aprendizagens essenciais, “[...] em alinhamento com as competências gerais, específicas e as habilidades previstas para cada um dos quatro anos do Ensino Fundamental – Anos Finais” (Brasil, 2020, p. 22).

Nesse contexto, a BNCC estabeleceu mudanças significativas no cenário educacional e na reorganização da disciplina escolar Ciências, o que influenciou diretamente na elaboração dos Livros Didáticos, visto que qualquer mudança em relação aos conteúdos abordados em sala de aula exige também mudanças no Livro Didático, pois, ele é um dos principais recursos pedagógicos utilizados nas escolas, portanto, passou pelas devidas adequações para atender as políticas curriculares vigentes.

Percurso metodológico

O presente artigo é um recorte de uma dissertação de mestrado que analisou a abordagem dos conteúdos de Ciências em Livros Didáticos dos anos finais do Ensino Fundamental adotados pela rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia e a sua utilização pelos professores.

A pesquisa se fundamentou em uma perspectiva qualitativa, visto que os fenômenos educacionais são construções sociais, e por isso, devem ser analisados em seus contextos específicos e não podem ser expressos apenas em indicadores, números ou variáveis. A natureza qualitativa da investigação concede ao pesquisador explorar novas possibilidades, pois permite a imaginação e a criatividade, trazendo importantes contribuições para o estudo de diversos temas. Nessa concepção, os fenômenos são entendidos melhor quando se leva em conta o contexto em que ocorre, o que demanda uma análise integrada (Godoy, 1995).

A produção dos dados ocorreu por intermédio de entrevistas narrativas com quatro professores de Ciências do Ensino Fundamental da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia. As narrativas correspondem a representação da realidade do ponto de vista dos sujeitos.

Por isso, são repletas de significados e reinterpretações, ainda que não revelem a verdade literal, possibilitam desvendar e esclarecer fatos e sentimentos não percebidos (Cunha, 1997).

Os professores participantes da pesquisa foram selecionados considerando os seguintes critérios: (a) possuírem licenciatura em Ciências Biológicas; (b) atuarem no quadro docente da rede municipal de ensino; (c) possuírem experiência no ensino de Ciências, superior há cinco anos; e d) aderirem livremente à participação no estudo. Estes critérios foram observados mediante contato prévio, oportunidade em que os professores foram informados sobre as características da investigação e convidados a participarem do estudo. Na tomada dos dados, os participantes foram informados que se manteria o anonimato no desenvolvimento da pesquisa e no tratamento dos dados. Por esse motivo, utilizamos nomes fictícios.

As narrativas foram gravadas, transcritas e, posteriormente, analisadas pela técnica de Análise de Conteúdo que se organiza em etapas: a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (Bardin, 2016).

Perspectiva docente sobre a seleção e a utilização de Livros Didáticos

O Livro Didático utilizado na rede municipal de Vitória da Conquista passou por um processo de seleção. De acordo com o professor Eduardo, todos os professores da rede participaram de uma votação para escolher o livro. Dentre as opções apresentadas, a coleção com maior número de votos foi definida para ser utilizada por todas as escolas municipais. Eduardo relata que, anteriormente, cada escola escolhia o seu próprio livro, de acordo com a preferência dos professores. No entanto, para facilitar a troca de livros entre diferentes escolas, a rede optou por esse novo processo de seleção, ele exemplifica “[...] uma escola recebeu a mais, uma escola a menos. Então, seria uma forma até de poder fazer a permuta de livros”.

Isabella destaca que esse ano os exemplares que chegaram na escola para análise, não estavam completos, segundo ela “[...] eles enviaram um pedaço do livro, se eu não me engano, acho que foi um terço de cada livro”. A professora Luiza acredita que ter contato com apenas, aproximadamente, 30% do material, dificultou o processo de seleção dos livros, pois a análise realizada pelos professores ficou limitada aos elementos apresentados nas amostras disponibilizadas pelas editoras, sem uma visão completa da proposta da obra.

Nesse contexto, Rafaela relata que o processo de análise dos livros em sua escola foi bem minucioso. Quanto ao seu critério de escolha, ela revela que descarta livros que possuem textos longos e cansativos, e dá prioridade aos livros que apresentam atividades diversificadas,

pois é importante que os alunos compreendam que existem vários critérios de resposta, “Se só tiver atividade de marcar, eu não tenho interesse. [...] Se tiver vários tipos de atividades de múltipla escolha, de escrever, de ligar, de verdadeiro ou falso [...], é um livro que me chama a atenção”.

Vale destacar que o momento de escolha do Livro Didático é extremamente importante, pois esse material vai servir de apoio e pode ter influência na qualidade do ensino e da aprendizagem. Por essa razão, ao refletir sobre as necessidades e particularidades dos alunos, é necessário que os professores tomem decisões, pensando no contexto em que atuam, e escolham o livro mais apropriado.

Luiza reitera que uma formação inicial adequada tem influência no momento de analisar e selecionar o Livro Didático. A professora aponta que, na escola em que trabalha, os professores que não passaram por bons cursos na formação inicial apresentaram interesse em um livro com uma abordagem mais superficial, ao contrário de outros, e destacou que criaram critérios de análise para escolher o livro mais apropriado. Nesse caso, de acordo com Luiza, houve o consenso pela escolha de um livro mais interpretativo e que estimula a autonomia dos alunos por meio das atividades, “[...] para que ele [o aluno] possa não ficar somente na questão do livro, mas que ele possa ampliar os horizontes”.

Sendo assim, percebemos que os professores devem possuir o domínio de determinados saberes para avaliar e escolher o livro mais adequado, por isso, é necessário que os cursos de formação proporcionem reflexões a respeito das questões curriculares referentes a esse material (Rosa, 2018). Cabe considerar que somente uma formação articulada ao contexto de atuação profissional, ou seja, as escolas, pode garantir que os docentes desenvolvam um olhar crítico e tenham a habilidade de observar as possibilidades e vantagens, mas, também questionar os erros e possíveis limitações dos Livros Didáticos. Entretanto, conhecimentos referentes ao Livro Didático, em relação a sua seleção ou utilização, são pouco discutidos nas formações docentes, o que pode ser um problema, visto que avaliar materiais didáticos não é uma tarefa simples. Então, geralmente, os professores aprendem a escolher e utilizar o livro ao longo de suas vivências e trajetórias profissionais (Rosa; Mohr, 2016).

Apesar de considerar que teve uma boa formação inicial na universidade pública, a professora Luiza ressalta que o curso de licenciatura apresentou lacunas, pois não houve um ensino integrado. A abordagem dos conteúdos específicos da Biologia prevalecia em detrimento dos conteúdos da área de Educação, o que lhe trouxe prejuízos. Luiza relata que “[...] aprendeu genética, aprendeu vertebrados, invertebrados, essas áreas, essas disciplinas, de forma como se fosse um bacharelado. A gente não aprendeu a intervir aqui na sala de aula,

como a gente vai apresentar [estes conteúdos] para esse aluno”. No entanto, a professora comenta que, atualmente, muitos Livros Didáticos apresentam dicas e estratégias de como trabalhar determinados conteúdos.

Esse problema também foi exposto pela professora Isabella, ao lembrar que as disciplinas de Educação tinham uma carga horária menor em relação às outras disciplinas das Ciências Biológicas. Por isso, ela explica: “[..] eu fui formada em Biologia, mas eu não fui formada para ser professora de Biologia, porque, quando eu entrei na sala de aula, eu falei assim, ‘vixe’. Então, o único contato que a gente tinha com a sala de aula, não sei se agora mudou, era nos estágios”.

Por meio desses relatos, percebemos a importância de uma formação inicial adequada, não somente em relação a questão da seleção e análise do Livro Didático, como, também, na prática dos professores. Segundo Tardif (2012), nos cursos de formação docente ensinam-se teorias que não têm relação com o ensino ou com o cotidiano do professor. Além disso, as disciplinas pedagógicas, geralmente, têm curta duração e não se relacionam entre si, o que não contribui para a formação desse profissional.

Tendo em vista o Livro Didático escolhido pela rede municipal no último processo de seleção, Eduardo destaca que ele (o livro) é menos conteudista do que o anterior e se conecta com a realidade do aluno, o que é um ponto positivo. Entretanto, o professor se mostra descontente com uma questão: “Não é um livro regional. Seria bom que fosse um livro regional. Ainda é um livro que é uma coisa feita nacionalmente [...]”. Precisamos concordar que, geralmente, os Livros Didáticos são produzidos na região Sul e Sudeste do Brasil e são distribuídos para o restante do país. Como consequência, uma escola como a do professor Eduardo, que se localiza no interior da Bahia, não possui um livro com informações referentes a sua realidade local. Nesse caso, as características regionais são desconsideradas, o que pode causar um certo distanciamento do contexto sociocultural dos estudantes.

Isabella relata que, “[...] infelizmente, a linguagem dos Livros Didáticos, em geral, eu percebi que não tem sido favorável [...]. Mas a gente consegue trabalhar, ainda mais como material de suporte”. Nesse sentido, ela esclarece que é importante contextualizar e associar os conteúdos à realidade dos alunos, pois “[...] se eu não conseguir mostrar para eles [os alunos] na vida real, como de fato acontece, eles não conseguem visualizar [...]”.

Rafaela concorda que é essencial relacionar os conteúdos com aquilo que os estudantes vivenciam em seus cotidianos, o que favorece uma aprendizagem mais significativa e crítica. Assim, ela lembra de uma aula de eletricidade ministrada para o sétimo ano, “Demos uma volta na escola com esses meninos. Quantas lâmpadas tinham? Quantos ar-condicionado

tinham? Bora fazer conta? Quanto é que tinha que economizar? Coloquei eles para desenhar o mapa da casa deles, o que gastava". De acordo com a professora, dessa maneira o aluno demonstra mais interesse pelo conteúdo estudado e amplia sua visão sobre algo que faz parte do seu cotidiano.

No que diz respeito ao Livro Didático, a professora Isabella ressaltou que esse material possui suas limitações, porém, ao considerar a ausência de outros recursos, reconhece sua relevância, “[...] é uma ferramenta extremamente importante para a sala de aula, porque é a única coisa que o aluno tem de suporte. Já que a gente não tem um laboratório, já que a gente não tem outros recursos”. Nesta circunstância, o livro assume papel de destaque e pode ter influência sobre os conteúdos que devem ser ensinados.

Na perspectiva do professor Eduardo o livro é um dos fundamentos da prática, em sua concepção: “O que determina o assunto, o conteúdo, o que a gente tem que se basear é o Livro Didático”. Ele ainda explica que o livro tem sido muito útil em relação às mudanças trazidas pela BNCC, “[...] nesse auxílio de trazer a novidade para a escola. [...] ele ajuda muito, porque o livro, ele vai trazer questões, vai trazer perguntas [...]”. Dessa forma, após o estabelecimento da Base, ele tem conduzido e organizado suas aulas de acordo com o que determina o Livro Didático. Diante disso, compreendemos que o livro se estabelece como um instrumento para efetivação das mudanças curriculares, além de reproduzir prescrições, delimita os conteúdos e apresenta determinado controle sobre as práticas pedagógicas (Rosa, 2018). Por essa razão, é necessário que os professores se coloquem em uma posição de agente principal, para mediar o conhecimento e se manter como sujeito crítico e analítico (Bandeira; Velozo, 2019).

Nesse contexto, a professora Luiza destaca a necessidade de utilizar o livro apenas como um auxílio, por isso, considera os conhecimentos prévios dos alunos, propõe pesquisas e atividades complementares. Ela acentua que, geralmente, o que está posto no livro é visto como uma verdade absoluta, mas é preciso desmistificar essa questão, “[...] o livro, para eles [os alunos] é uma verdade. Então, a gente precisa trazer para saber se realmente aquilo tudo ali está correto, porque há muitos erros também”. Porém, apesar do empenho exercido para mudar esse cenário, a convicção de que o conhecimento científico presente nos Livros Didáticos é um produto acabado e desvinculado do contexto histórico e sociocultural, continua se perpetuando (Megid Neto; Fracalanza, 2003).

Ao discorrer sobre sua relação com o Livro Didático, Rafaela relata que analisa o que é proposto pelo livro antes de levá-lo para a sala de aula. No momento de preparar suas aulas, a professora observa as atividades e avalia quais questões são mais adequadas, quando percebe que determinado exercício tem um enunciado muito grande e que pode gerar dúvidas, ela busca

outras alternativas, “Questões grandes do livro, eu reformulo e vou para o quadro. Ou então, eu gosto de bingo, eu monto cartelas de bingo e pego essas questões grandes e eu vou colocar a resposta nas cartelas. [...] eu acredito que seja uma forma melhor de memorizar”.

A partir desses relatos, percebemos que essas professoras não utilizam o livro apenas como um manual, mas como um aliado, um recurso de apoio para as suas aulas. Assim, reafirmamos a importância de usar o Livro Didático de uma maneira crítica, resignificando o que é proposto, de forma a não limitar a prática pedagógica ao que está presente nesse material. Alvares (1991) no início da década de 1990 já alertava que o potencial do Livro Didático está atrelado ao seu uso pelo professor, que deve enfatizar seus pontos positivos e utilizá-lo em função dos seus objetivos. Portanto, o Livro Didático pode ser um recurso que potencializa a aprendizagem dos estudantes, desde que seja utilizado adequadamente.

No que se refere às modificações propostas pela BNCC para os conteúdos de Ciências, a professora Luiza comenta que houve a retirada de temas essenciais, que deveriam estar presentes no livro. Ela enfatiza: “[...] como é que a alma da Biologia não está aqui. [...] se você for folhear os livros, muitas editoras entenderam que valia a pena trazer. E trouxeram. Mas têm livros que, realmente, não trazem o conteúdo, não trazem mesmo. De maneira nenhuma”. A fala de Luiza confirma o que já tinha sido alertado por Biondo *et al.* (2019, p. 155), ao afirmar que, “[...] eixos bastante importantes para o currículo de Ciências não estão devidamente contemplados pela BNCC de Ciências da Natureza”.

É necessário salientar que o Livro Didático é uma mercadoria que responde a expectativas sociais e condições históricas. Nesse sentido, mudanças em Livros Didáticos de Ciências correspondem a mudanças na própria disciplina escolar Ciências, em razão de políticas curriculares que redefinem os conteúdos e o modo como essa disciplina se apresenta ao longo do tempo, tudo isso é estabelecido em um cenário conflituoso de interesses e pressões diversas (Aguar, 2004). Sendo assim, percebemos, mais uma vez, que as modificações proporcionadas pela BNCC, tiveram influência direta na elaboração dos novos Livros Didáticos, pois esse recurso deve acompanhar as mudanças curriculares.

As coleções de Livros Didáticos aprovadas após o estabelecimento da Base passaram por reformulações significativas. Na nova versão dos livros de Ciências houve uma ruptura do modelo convencional de organização dos conteúdos, o que foi criticado desde as primeiras avaliações dos Livros Didáticos. Assim, é preciso ter um olhar aguçado sobre como os conteúdos são abordados, possíveis erros conceituais, e outros determinantes nas coleções atuais (Buffon, 2020).

O professor Eduardo salienta que existem muitas questões que o livro ainda não tem respondido, mas que são atuais e precisam ser debatidas, como a discussão de gênero. Segundo ele, “[...] em termos de sexualidade, eu vejo que é um livro que não há essas discussões [...]”. Em vista disso, enfatiza a necessidade de se manter atualizado e apresentar a capacidade de lidar com diversas situações e desafios que não estão presentes nestes livros. Ainda sobre as questões de gênero, ele destaca: “Até o próprio aluno quer ter essa informação, ele quer saber [...]. E aí você não pode privar. O professor de Ciências, ele tem que ser esse é... esse ser crítico. Esse ser crítico do saber”.

Sobre essa questão, Luiza relata que a escola, assim como a sociedade, é um local de diversidade, portanto, a abordagem de temas que fazem parte do cotidiano dos alunos é necessária. Porém, ela percebe que os Livros Didáticos, em geral, ainda não se adequaram à atual conjuntura social e não estão abertos a tais discussões.

[...] como o livro não traz, a gente precisa falar, a gente precisa tocar no assunto, trazer o assunto. Então, por exemplo, como eu não vou falar de um conteúdo como a homossexualidade na sala de aula, se eu tenho vários alunos que são homossexuais? [...]. Então, a gente precisa ampliar as discussões e diminuir algo que existe muito, chamado preconceito (Professora Luiza).

Sabemos que a produção dos Livros Didáticos está intimamente relacionada aos conteúdos estabelecidos pelas políticas curriculares. Dessa forma, temáticas que foram silenciadas pela BNCC não se fazem presentes nesse material. Na última versão da Base, os termos “orientação sexual” e “identidade de gênero”, que estavam presentes nas versões anteriores, foram retirados. Em vista disso, é preciso que os professores estejam atentos às necessidades dos alunos e adequem os conteúdos à realidade escolar e aos seus ideais pedagógicos.

Conforme Bandeira e Velozo (2019), os educandos sentem a necessidade de uma discussão a respeito da sexualidade, até para sanar dúvidas a respeito do seu próprio corpo. Nessa circunstância, é essencial refletir sobre as questões culturais e sociais, indo além da visão biologizante do corpo humano. Se os Livros Didáticos de Ciências apresentassem esses aspectos, contribuiriam para o trabalho dos professores e para promover a desconstrução de tabus voltados para a sexualidade e questões que geram preconceito.

De acordo com Rafaela, uma outra temática que precisa ser debatida e que, infelizmente, não está presente nos livros de Ciências, é a questão do racismo. A professora esclarece: “[...] quando você começa a falar sobre a importância das raças, a importância da evolução humana, deveria estar lá no início do livro, e não tem [...]. Eu trabalho porque os meninos começam a se ofender dentro da sala de aula”.

Como o professor é autor e ator principal de suas aulas, cabe a ele se apropriar do Livro Didático da melhor maneira possível e procurar outros recursos para combater ações que geram sofrimento, como atos de racismo e preconceito. Isabella acentua que a abordagem dessa temática é imprescindível, por isso, ela acredita ser fundamental o acesso e o conhecimento sobre o assunto, pois ainda existe muito preconceito na sala de aula. Sendo assim, ela enfatiza:

[...] eu costumo trabalhar muito o racismo, tem um textinho que eu esqueci o nome agora, mas ele trabalha o aspecto físico com o biológico. [...] acaba que aquelas meninas, aquelas pessoas que têm o cabelo crespo, eles se sentem um pouquinho também valorizados nesse conceito. Assim, poxa, então o cabelo não é ruim. Então, assim, a gente tem essas realidades na escola (Professora Isabela).

Cabe ressaltar que, apesar dos avanços, ainda é pouco comum encontramos corpos negros representados nos Livros Didáticos de Ciências. Geralmente, as ilustrações e imagens são referentes a pessoas brancas, o que pode reforçar ainda mais o preconceito e o fato de muitos alunos não se sentirem representados. Pesquisas com Livros Didáticos de Ciências e Biologia mostram que essa temática é negligenciada ao longo da história de produção didática do Brasil, portanto, há uma valorização dos corpos brancos em detrimento dos demais grupos étnicos (Lopes Neto; Selles; Valiente, 2022).

Tendo em vista essas questões, é importante evidenciar o papel dos professores no enfrentamento de qualquer tipo de intolerância ou discriminação. A escola deve ser um espaço democrático, em que todos tenham seus direitos garantidos e suas individualidades respeitadas e valorizadas, por isso, é necessário dar ênfase às questões raciais e às relações de gênero e sexualidade. Os docentes devem estar atentos e observar como essas temáticas estão dispostas nos Livros Didáticos, para superar silenciamentos e reforçar a formação de cidadãos com posturas e atitudes conscientes.

Considerações finais

Sabemos que o Livro Didático é um recurso muito utilizado pelos professores como suporte para realização de suas aulas, e pelos alunos como um material de consulta e estudo dos conteúdos. Geralmente, o livro é o único recurso disponível nas escolas públicas e serve como fonte de pesquisa e aprofundamento dos conteúdos, de certo modo, estabelece os conhecimentos que devem ser ensinados e como eles devem ser abordados.

No estudo realizado os resultados apontam que os docentes entrevistados consideram o livro um recurso necessário que auxilia no processo de ensino e aprendizagem. No entanto, eles enfatizam a importância de ir além do que está proposto no material, ao acrescentar discussões

e ampliar debates de temas que dialoguem com a realidade sociocultural e necessidades formativas de seus alunos. Portanto, os professores utilizam o Livro Didático aliado a outras estratégias de ensino, com o intuito de reforçar sua autonomia e vencer possíveis limitações.

Referências

AGUIAR, Orlando Junior. Professores, reformas curriculares e livros didáticos de ciências: parâmetros para produção e avaliação do livro didático. *In: Encontro de Pesquisa em Ensino de Física, EPEF, 2004, São Paulo. Anais...* São Paulo: Sociedade Brasileira de Física, 2004. Disponível em: <https://sec.sbfisica.org.br/eventos/epf/ix/atas/outros/junior.pdf>. Acesso em: 28 out. 2024.

ALVARES, Beatriz Alvarenga. Livro didático: análise e seleção. *In: MOREIRA, Marco Antônio.; AXT, Rolando (orgs.). Tópicos em ensino de Ciências.* Porto Alegre: Sagra, 1991. p. 18-46.

BANDEIRA, Andreia; VELOZO, Emerson Luís. Livro didático como artefato cultural: possibilidades e limites para as abordagens das relações de gênero e sexualidade no Ensino de Ciências. *Ciência e Educação*, Bauru, v. 25 n. 4, p. 1019-1033, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/Lfc363CCpVpJ6VstzrtGBYZ/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 28 out. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo, SP: Edições 70, 2016. Disponível em: <https://madmunifacs.files.wordpress.com/2016/08/anc3a1lise-de-contec3bado-laurence-bardin.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2024.

BIONDO, Franco Gomes; MATOS, Maria; MACIEL, Carla Mendes; LEMOS, Pedro Moreno Feio. Base Nacional Comum Curricular de Ciências da Natureza: reflexões compartilhadas entre docentes do Colégio de Aplicação da UFRJ. **Revista Perspectivas em educação básica**, Rio de Janeiro, n.3, p.150-162, 2019. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1fUb76FLbDGEBJCugf2NUaThiwCJ6E7tZ/view>. Acesso em: 28 ago. 2025.

BRASIL. **Guia Digital PNLD 2020.** Brasília, MEC/SEB/FNDE, 2020. Disponível em: https://stoapi.nees.ufal.br/pnld-guias-digitais-prod/guias/publicacoes/PNLD_2020_liM6umt.pdf. Acesso em: 30 ago. 2025.

BUFFON, Alessandra Daniela. A astronomia e os livros didáticos de ciências: Uma comparação entre o PNLD 2017 e o PNLD 2020. **Arquivos do Mudi**, v. 24, n.3, p.41-50, 2020. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ArqMudi/article/view/55371>. Acesso em 09 fev. 2023.

CUNHA, Maria Isabel da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 23 n.1-2, p.185–195, 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rfe/a/ZjJLFw9jhWp6WNhZcgQpwJn/?lang=pt#>. Acesso em: 17 abr. 2024.

GRAMOWSKI, Vilmarise Bobato; DELIZOICOV, Nadir Castilho; MAESTRELLI, Sylvia Regina Pedrosa. O PNLD e os guias dos livros didáticos de ciências (1999 - 2014): uma análise possível. **Ensaio**. Pesquisa em Educação em Ciências, Belo Horizonte, v. 19, 2571ed., p.1-18, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/epec/v19/1983-2117-epec-19-e2571.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

GODOY, Arilda Schmidt. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29, 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 18 set. 2022.

LAJOLO, Marisa. Livro didático: um (quase) manual de usuário. **Em Aberto**, Brasília, ano 16, n. 69, p. 3-9, 1996. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/2368/2107>. Acesso em: 10 fev. 2023.

LOPES NETO, Jéssica Lopes; SELLES, Sandra Escovedo; VALIENTE, Carine. Ensino de biologia e racismo: representações de corpos negros em coleções didáticas de ciências da natureza e suas tecnologias. **Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio**, v. 15, p. 831- 852, 2022. Disponível em: <https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/746/284>. Acesso em: 28 out. 2024.

MARTINS, Eliecélia de Fátima; SALES, Norma Almeida de Oliveira; SOUZA, Cleber Alves. O Estado, o mercado editorial e o professor no processo de seleção dos livros didáticos. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 20, p. 11-26, 2009. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/ae/article/view/2055/2013>. Acesso em: 10 fev. 2023.

MARTINS, Alisson Antônio; GARCIA, Nilson Marcos Dias. Livros didáticos: Elementos da cultura escolar, produtos culturais e mercadorias. *In*: XI Congresso Nacional de Educação, 2013, Curitiba. **Anais eletrônicos...** Curitiba, 2013, p. 7203-7210

MEGID NETO, Jorge; FRACALANZA, Hilário. O livro didático de ciências: problemas e soluções. **Ciência e Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 147-157, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ciedu/v9n2/01.pdf>. Acesso em: 09 fev. 2023.

ROSA, Marcelo D'Aquino. O livro didático, o currículo e a atividade dos professores de Ciências do Ensino Fundamental. **Revista Insignare Scientia –RIS**, Cerro Largo, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/RIS/article/view/7664/5136>. Acesso em: 10 fev. 2023.

ROSA, Marcelo D'Aquino; MOHR, Adriana. Seleção e uso do livro didático: um estudo com Professores de Ciências na rede de Ensino Municipal de Florianópolis. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p. 97-115, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/npQsX4T3jrVrrzjcT5NPYvP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 28 out. 2024.

SACRISTÁN, José Gimeno. O que significa currículo? *In*: SACRISTÁN, J. G (org). **Saberes e incertezas sobre currículo**. Porto Alegre: Penso, 2013.

SILVA, Marco Antônio. A fetichização do livro didático no Brasil. **Educ. Real. [online]**, v. 37, n. 3, p. 803-821, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edreal/v37n3/06.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2023.

TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOBRE O/AS AUTOR/AS

Mariana Ferreira Bittencourt. Graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da UESB. Contribuição de autoria: Autora principal da pesquisa realizada, produziu e analisou os dados. <http://lattes.cnpq.br/6641225870381704>

Edinaldo Medeiros Carmo. Doutor em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor titular do Departamento de Ciências Naturais (DCN) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Contribuição de autoria: Orientador da pesquisa, juntamente com a autora principal, elaborou os instrumentos de produção dos dados e analisou os mesmos. <http://lattes.cnpq.br/8962147589802605>

Como citar este artigo

BITTENCOURT, Mariana Ferreira; CARMO, Edinaldo Medeiros. O Olhar docente sobre a seleção e utilização de Livros Didáticos de Ciências. **Revista Educação em Páginas**, Vitória da Conquista, v. 4 n. 4, 2025. DOI: 10.22481/redupa.v4i04.17517